

# Guy Brett, único

Paulo Venancio Filho<sup>1</sup>

Caso raro, talvez único, de crítico que se dedicou mais à arte de outro país do que a de seu próprio, Guy Brett foi um dos pioneiros no reconhecimento das artes plásticas além das fronteiras da Europa e dos Estados Unidos. Quando pouco, ou nada, se conhecia da arte brasileira no âmbito internacional – o Brasil de fato não existia –, Guy escreveu sobre, promoveu e agiu como um verdadeiro e sincero admirador daqueles artistas que primeiramente conheceu no início dos anos 60: Sergio Camargo, Hélio Oiticica, Lygia Clark e Lygia Pape. Artistas hoje reconhecidos mundialmente que já naquela época, quando ainda eram pouco mais que iniciantes, Guy – “cidadão do mundo” como escreveu Baudelaire –, foi capaz de perceber e admirar a originalidade e inventividade de seus trabalhos, o que mostrava já o seu apurado discernimento de manifestações que, partindo, iam além dos limites do construtivismo europeu.

Mais do que um crítico, Guy foi um interlocutor, estimulador e amigo de pelo menos duas gerações de artistas brasileiros. Por mais de 40 anos manteve um contato ininterrupto com o que se fazia de arte no Brasil, seja *in loco* ou em intensa correspondência epistolar. Além da ligação que manteve ao longo de anos com os artistas acima mencionados, também se aproximou e criou a mesma intimidade com a geração de artistas mais jovens como Antonio Manuel, Cildo Meireles, Waltercio Caldas e Tunga, entre outros. Era isso que caracterizava sua atuação de crítico e também curador; estar junto aos artistas, em um contato intenso e constante que ia muito além de uma colaboração eventual.

Iniciou-se na crítica muito jovem, primeiro no *The Guardian* (1963-1964) e depois no *The Times* (1964-1975). Guy era uma figura respeitada e admirada no meio artístico britânico, embora e talvez por isso, nunca tenha feito parte do *status quo*. Dispensando o meio do qual facilmente poderia fazer parte, atuando sempre em áreas às quais era dada pouca atenção, foi um dos primeiros a promover e analisar a arte cinética, sobre a qual escreveu um ensaio pioneiro, *Kinetic Art: the Language of Movement* (1968). Mas foi sua fundamental participação – junto com os artistas David Medalla, Gustav Metzger, Marcello Salvadori e o crítico Paul Keeler –, na criação, e breve vida, da Galeria Signals (1964-1966) que propiciou as exposições pioneiras em Londres de Lygia Clark, Sergio Camargo e Mira Schendel. E foi Guy que intercedeu decididamente, com o fechamento da Signals, que a exposição de Hélio Oiticica para ali programada acontecesse na Whitechapel Gallery em 1969, e que ficou conhecida como *Whitechapel Experiment*, verdadeiro *turning point* na trajetória artística de Hélio.

Sua decisiva participação no contexto da arte brasileira moderna e contemporânea ainda está para ser devida e amplamente reconhecida. Entre outras de suas publicações, destacam-se os ensaios monográficos que redigiu sobre Lygia Clark, Hélio Oiticica, Sergio Camargo, Lygia Pape, Cildo Meireles, Antonio Manuel, Tunga e Waltércio Caldas. Foi curador eventual, mas não menos rigoroso – creio que não se considerava como tal –, de importantes exposições nas seguintes instituições: South Bank Center, Ikon Gallery, Witte de With, Jeu de Paume, Institute of Contemporary Art, Museu d'Arte Contemporani de Barcelona e Hayward Gallery. Na Pinacoteca do Estado de São Paulo realizou a curadoria da exposição *aberto fechado: caixa e livro na arte brasileira* (2012), a única que fez no Brasil. Na Tate Modern foi o organizador da retrospectiva de Cildo Meireles (2008-2009) e a de Takis (2019), a última que realizou.

Para quem o conheceu vai ficar para sempre a imagem do indivíduo afável, gentil, discreto, inteligente, sempre curioso e aberto a novas manifestações e perspectivas artísticas. Um verdadeiro *gentleman*. Nobre de sangue e de espírito.

Artigo recebido em 15 de outubro de 2021 e aceito em 22 de novembro de 2021.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons

